

SALPICOS de VIDA



Maria Brito

edita.me



SALPICOS de VIDA

...Sou uma nómada à volta do mundo...

...mas o meu coração teimou...

...e ganhou um bilhete de ida e volta!...

Porto meu

Na tua ausência,
A falta que me fazes,
É (apenas) a falta que me faz,
Sentir tão funda, essa persistente saudade de ti...
Mas, sei que posso contar contigo – Porto – meu abrigo.
Morada certa e segura – raízes.
De muralhas inabaláveis – indestrutíveis.
Pontes sóbrias e sábias que nos sustentam – nas travessias.
Cidade de todas as (des)ilusões – minha.
Pois, por mais que procure e deseje outros sítios,
Só tu me podes levar aonde ainda não fui...
E nas margens da tua Foz
Contemplo o infinito – arrisco um futuro.
Avisto lá longe o barqueiro – sei que me espera –
Quando for a hora de partir!...

O Douro, esse, manterá o seu curso... sempre... pleno de Rabelos...



...Um tempo para

À falta de brilho nos olhos,
De coração despedaçado, inquieto,
Sinto um aperto na alma –
Incerteza, dúvida, indefinição.
Regresso no seu sorriso – no sorriso da mãe.

E, assim que a revejo – no brilho
Dos olhos dos meus filhos e dos que me são mais queridos,
Acredito ainda no presente e, em dias melhores.

Sei que me fará falta, amanhã e no dia seguinte, todos os dias.

Mas, procuro ter esperança no futuro e - neste intervalo –
Aguardo o reencontro com esse inconfundível e inigualável sorriso;
Intacto e incólume ao desgaste do tempo...
E será para sempre esta a minha oração.

Entretanto...
Entretanto,

O céu,
O céu mandou dizer que entende a nossa dor.
O céu mandou dizer que ganhámos um anjo da guarda – o nosso anjo da guarda.

...e eu ouvi.

dizer até breve...

A mãe,
A mãe pede para dizer que está bem e pede para que fiquemos todos bem, também.
A mãe pede para dizer que nos deixa a todos e a cada um de nós milhões de beijos, todos os dias.

...e eu senti.

E nós,
Nós queremos dizer ao céu que aceitamos o que o céu nos mandou dizer.
Nós queremos dizer à mãe que lhe devolvemos os mesmos milhões de beijos todos os dias, também.

...e só agora entendi
Porque foi esta a história que a mãe nunca nos contou!
Levou a vida a gravar as nossas memórias de boas recordações.
E conseguiu. Deixou-nos momentos eternos – obrigada mãe.
Não partiu sem antes nos assegurar – com plena convicção – que a vida nunca acaba.
E que não deixará nunca de andar connosco para todo o lado, por todo o sempre.
É, pois, chegada a hora de tudo isto acreditarmos. De reencontrar segurança e conforto. É, pois, chegada a hora de lhe pedirmos que nos faça chegar um pouco da sua imensa serenidade. É, pois, chegada a hora de lhe pedirmos que nos faça chegar um pouco do seu imenso apego à vida. Da sua imensa sabedoria.
À mãe. No exemplo e na força. Dos que vão e dos que ficam.

A falta (*imensa*) que me fazes

Esta mão que me segura o cansaço
E não impede que me afunde.

Esta mão que me apara o desespero
Mantém o tempo suspenso desde o dia que a deixaste.

Esta mão que me sustém a alma
E não deixa que saias e, contudo, já partiste.

Esta mão que tão bem me conhece
É igual ao sangue que me corre nas veias, mas sem vida.

Esta mão que me consome e desassossega
Grita a dor de não te encontrar, de te perder.

Esta mão que te vê em todo o lado, e em lado nenhum
Resgata o ser que à tua essência se prendeu.

Esta mão cuja sombra te desenha neste papel
É feita da tua carne, desfeita na tua chama.

Esta mão a quem disseste ser capaz de tudo
Voou com o sopro das tuas cinzas.

Esta mão que te procura onde nunca estás, ficou presa à tua imagem
No dia em que nos olhámos nos olhos e me confessaste calada – vou partir!

Esta mão que te segurou tanto e, ainda assim, tão pouco
Deixou de ter suporte, de ter protecção.



Esta mão que sempre bebeu do teu sorriso
Quedou-se no sussurro do teu silêncio.

Esta mão que tanto te abraçou
Nunca mais recebeu abraço igual.

Esta mão que te vestiu, que te cobriu
Procura avidamente o alimento da tua seiva.

Esta mão que te escreve, perdeu a luz
E no vazio da tua mão, mirrou.

Esta mão que procuro e que era a minha, sucumbiu.
Por isso, peço-te que ma devolvas.

Até logo

Se pensar-te com todas as nossas forças... te trouxesse de volta...
Estaríamos sempre certos.

Se desejar-te com toda a nossa alma... te recuperasse...
Estaríamos sempre perto.

Se o teu sorriso voltasse...
Estaríamos sempre fortes.

Se a tua calma nos iluminasse...
Estaríamos sempre confiantes.

Se a tua força nos chegasse...
Estaríamos sempre serenos.

Se a tua sabedoria nos aconchegasse...
Estaríamos sempre próximos.

Se a memória não nos traísse...
Estaríamos sempre firmes.

Se a tua lembrança não dispersasse...
Estaríamos sempre todos.

Se a tua promessa não desvanecesse...
Estaríamos sempre... estaremos sempre.

Para sempre... Juntos....
Tal e qual... como no dia em que partiste...



Anjo da Guarda



Afinal...

Vieste...
No teu sorriso inconfundível,
Na tua alegria contagiante,
Na tua serenidade irrepetível,
Na tua teimosia desconcertante.

Chegaste...
Com a felicidade estampada no rosto dos
que te são tão queridos....

E estás...
Envolta no mais belo hábito da tua discrição...

Continuas...
Às minhas cavalitas como naquele dia na praia
e, no pulsar de cada dia,
Todos os dias quando mergulho no sono, por
vezes patético e aflito se duvido que te esqueces
de me contar uma história para adormecer e de
me aconchegares num beijo de
Boa-noite!



Maria Brito nasceu no Porto a 3 de Novembro de 1967.

Mãe de dois filhos e autora do conto infantil **“Um Abraço do Tamanho do Mundo”** – Edições Afrontamento.

Tem formação universitária na área do Direito.

Actualmente é prestadora de serviços, como freelancer, na área financeira, organização de eventos e está ligada à formação e desenvolvimento de competências para quadros de empresas.

“SALPICOS de VIDA” é um livro de momentos sentidos e vividos ao longo dos anos, trazidos agora para a prosa poética, que representam o fechar de um ciclo com uma porta aberta e iluminada para o futuro.

“

... Enganas-te quando pensas que me desvendas ...
... Sou o incansável delírio da procura ...
... De um oásis! ...

”